

LABEDIS

Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

A portrait of Aritana Yawalapiti, a man with dark hair and a serious expression, looking slightly to the left. He is shirtless and standing in front of a background of dry, golden-brown grass or reeds.

Política Linguística
e retomada/
revitalização de
línguas indígenas –
um tributo a
Aritana Yawalapiti.

Início: 22/10/2020
Horário: 5ª e 6ª às 18h.

Curso de Extensão
Inscrições pelo sistema
SGCE da UFRJ:
<https://sgce.tic.ufrj.br/>
de 11/10/2020 até 21/10/2020.



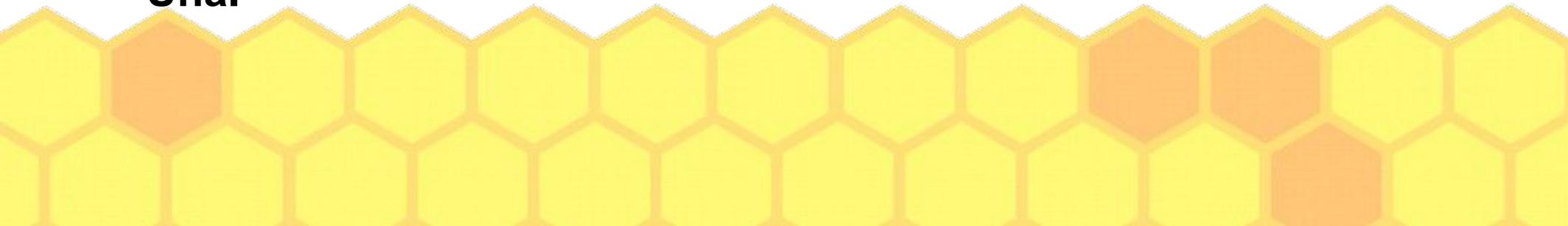
LABEDIS
Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

LALLI

Aula 3 - Extinção "oficial" de uma etnia através da sua desterritorialização, apagamento da cultura e da língua: o caso Puri – Parte 1

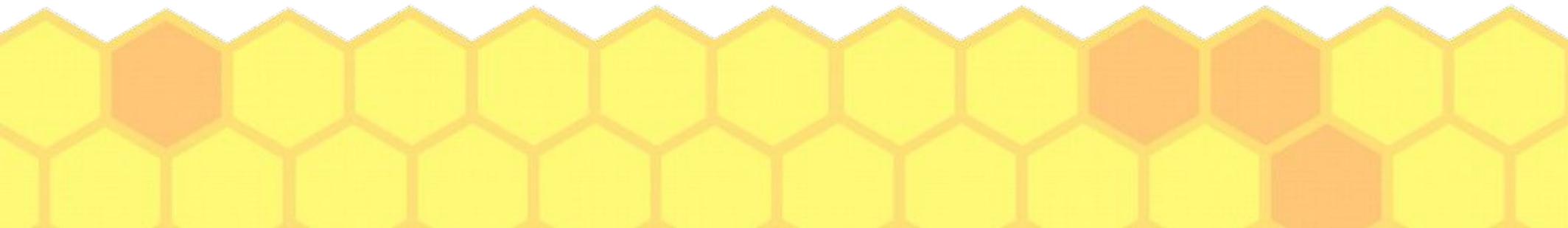
Antes do desentcontro

- **A ocupação da região do Vale do Paraíba pelos povos originários, remontam há oitenta séculos.**
- **Foram ondas seguidas de ocupação, de diversos povos, que foram se adaptando, ao longo do tempo, aos novos biomas e as mudanças climáticas ocorridas durante os séculos.**
- **Os povos que praticavam a agricultura e faziam cerâmicas estavam presentes no Vale do Paraíba desde o século IV, em Minas Gerais, século V, no Rio de Janeiro e X, para São Paulo. No Espírito Santo, os povos ceramistas aparecem no litoral e ao sul da Bacia do Rio Doce, já no século IX.**
- **Nos interessa aqui focar numa tradição arqueológica: tradição Una.**



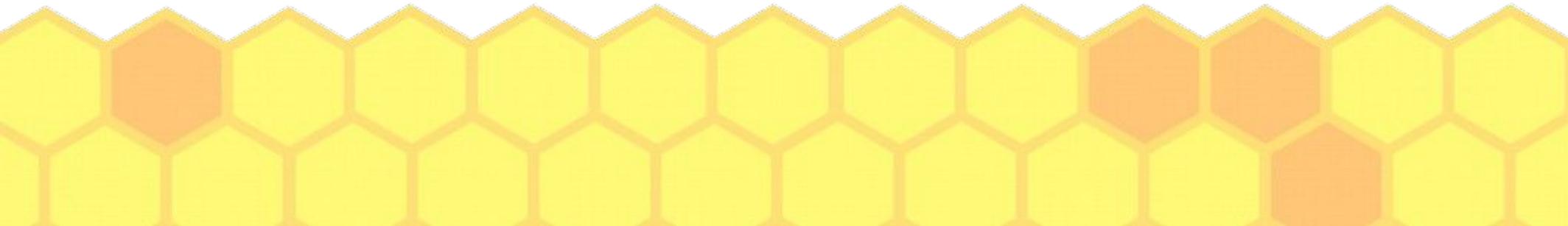
O que é uma tradição em arqueologia?

- A definição do que é uma tradição vem da década de 70, quando os arqueólogos vinculados ao PRONAPA(Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) adotaram o seguinte conceito: “Tradição: grupos de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal,” (Pronapa, 1976:145)
- Essas tradições seriam divididas em fases: “Fases: qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço em um ou mais sítios”.(Pronapa, 1976:131)
- Entre as tradições mais conhecidas do Sudeste, pela frequência e importância, no Vale do Paraíba temos: Aratu, Tupiguarani e Una.
- Os conceitos de tradições e fases tem sido muito contestado na própria Arqueologia, mas como não foram ainda sugeridos ou superados por outros paradigmas que abarquem todos os sítios, nos vamos trabalhar com ele.

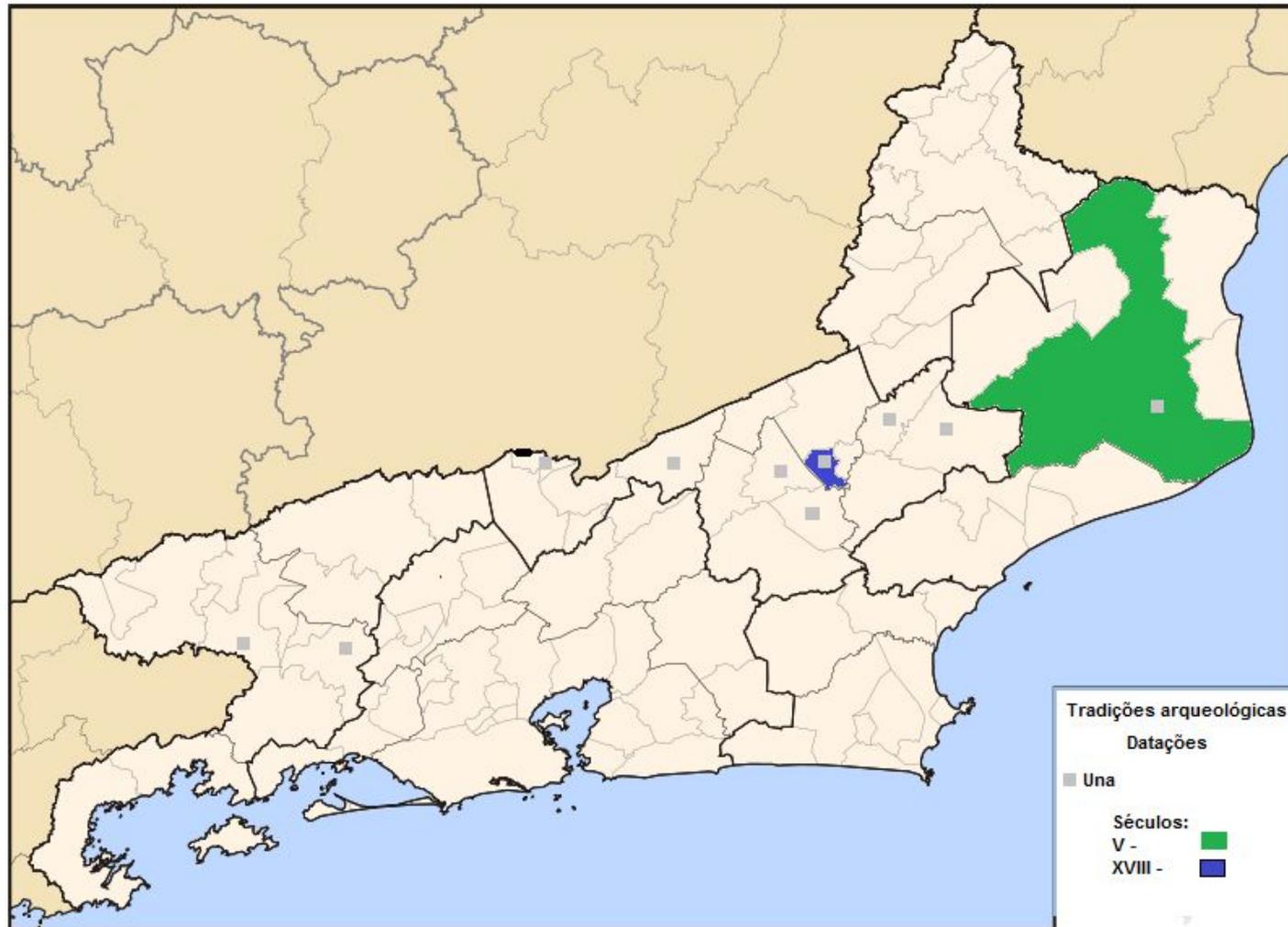


A tradição Una

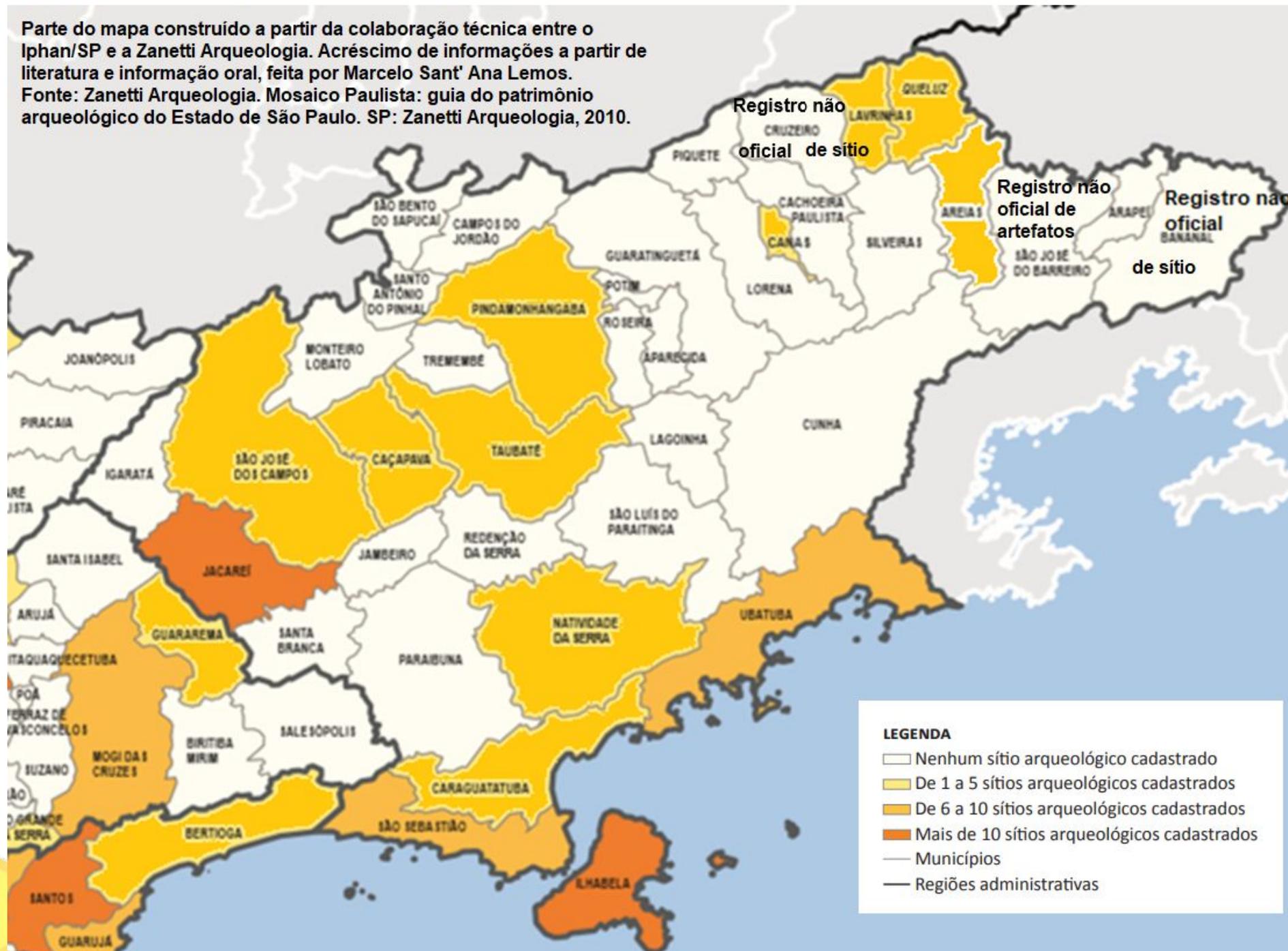
- Correlacionar as tradições da Arqueologia com os povos indígenas atuais ou com as etnias históricas (descritas por jesuítas, viajantes, militares, historiadores ou antropólogos) é realmente uma temeridade. O que podemos estabelecer são as continuidades de algumas técnicas de produção de artefatos, uma coincidência na localização geográfica, mais do que isso seria um risco com termos anacronismos e descontextualizações.
- Os sítios da tradição Una, tem sido relacionados aos povos de línguas Macro-Jê históricos, tanto no Estado do Rio, como em São Paulo, Minas e Espírito Santo.
- Áreas que viviam, conforme os relatos e documentos históricos, os povos Macro-Jê: Puri, Goitacá e Maromomi, na passagem do século XVI para XVII, entre outros.
- A tradição Una, veio do Cerrado, há 3.600 anos A.P., se estendendo do Rio Araguaia até as áreas litorâneas do Rio, São Paulo e Espírito Santo. Entre suas características estariam a cerâmica simples, de pequeno tamanho e sem decoração. Quanto as moradias, no interior, viviam em abrigos rochosos, com ou sem aldeias externas. Tanto em Minas Gerais como no Rio de Janeiro, eles também constituíam pequenas aldeias em céu aberto.
- Cultivavam milho, mandioca, amendoim, feijões, abóboras, cabaças de forma bem rudimentar e completavam sua dieta com caça e frutos.

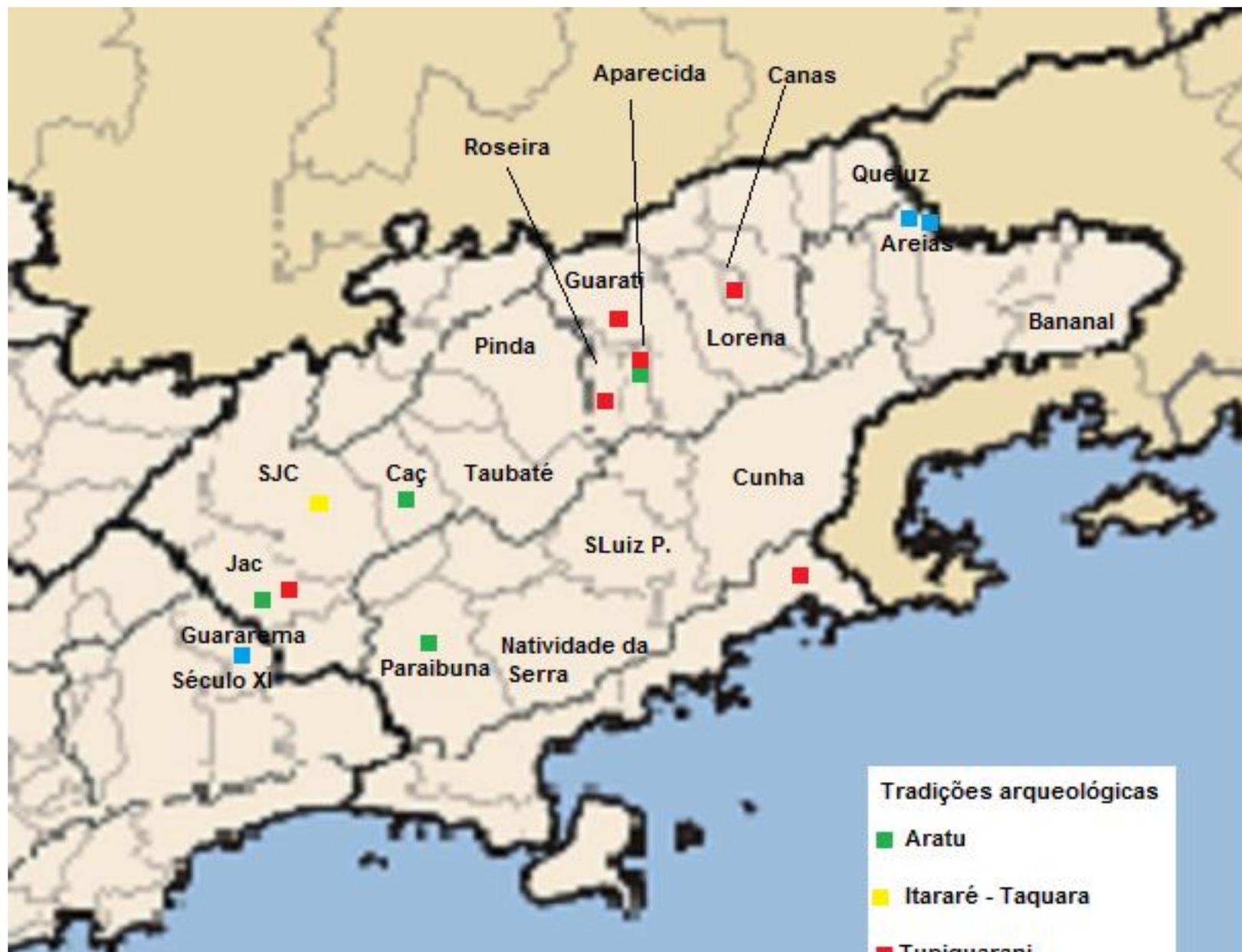


Sítios Una no Vale do Paraíba Fluminense com datações



Parte do mapa construído a partir da colaboração técnica entre o Iphan/SP e a Zanetti Arqueologia. Acréscimo de informações a partir de literatura e informação oral, feita por Marcelo Sant' Ana Lemos.
Fonte: Zanetti Arqueologia. Mosaico Paulista: guia do patrimônio arqueológico do Estado de São Paulo. SP: Zanetti Arqueologia, 2010.





Mapa elaborado por Marcelo Sant'Ana Lemos com base em pesquisas arqueológicas feitas no Estado de São Paulo.

Tradições arqueológicas

- Aratu
- Itararé - Taquara
- Tupiguarani
- Jê/Una/Puri

Tradições arqueológicas

■ Una

■ Tupiguarani



O aparecimento do etnônimo Puri

- No final do século XVI, Anthony Knivet, participou da tripulação da frota do pirata inglês Thomas Cavendish, que visava assaltar as regiões invadidas e recém conquistadas por reinos inimigos da Inglaterra.
- Assim chegou ao litoral de São Paulo, onde foi capturado e virou escravo de Salvador de Sá. Serviu também seu filho Martim de Sá, e com ele participou de expedições para escravizar e negociar com povos indígenas que viviam no Vale do Paraíba.
- Ele foi enviado por Martim de Sá para negociar com os Puri, no Vale do Paraíba, provavelmente em 1595. Conforme relatou o próprio Knivet, o povo Puri estava em paz com os portugueses, o que significava que o contato já tinha sido feito antes e só não temos mais informações sobre isso por conta da falta de documentação das primeiras décadas da cidade de Rio de Janeiro.
- Chamou os indígenas de **Porie**, na coleção publicada, em 1625, na Inglaterra, pelo reverendo Samuel Purchas, que interferiu no texto do aventureiro. A coleção era composta de quatro volumes, cujo título era Hakluytus Posthumus or Purchas his Pilgrimes, que reunia não só o relato de Anthony, mas também dezenas de outros manuscritos de navegadores ingleses e estrangeiros, inclusive os de Jean de Lery e Fernão Cardim. Quando a obra foi publicada causou enorme repercussão na Europa.

A primeira vez que os Puri foram cartografados: 1630

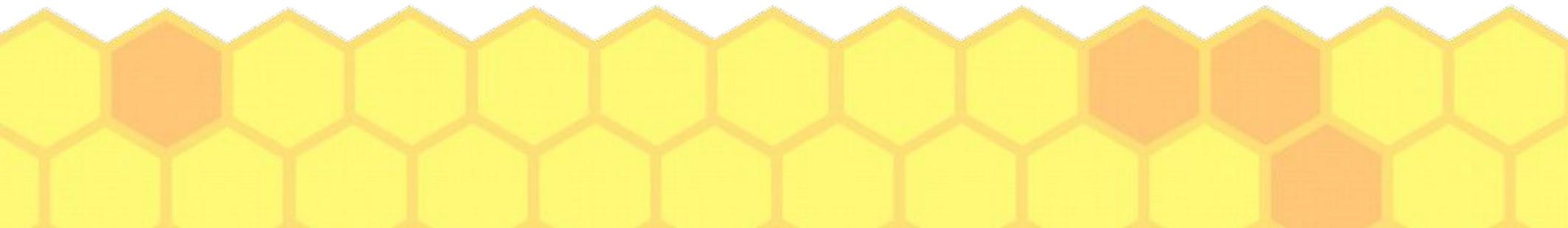


Rompimento de pazes e escravização dos Puri no Vale do Paraíba Paulista

- A fundação de Taubaté, em 1639, marcou o processo de escravização dos Puri, em São Paulo. O território foi conquistado pela bandeira de Jacques Felix que atacou as aldeias dos indígenas Puri e Jerominim (Maromini), os escravizando para trabalharem em suas propriedades e para a construção do daquele arraial.
- Já no Rio de Janeiro, em 1648, os contatos dos jesuítas, com os Puri, que viviam na Serra dos Órgãos, próximo ao Rio Piabanha, não lograram êxito, pois eles se recusaram a descer e se aldear em São Pedro da Aldeia. Os seus vizinhos Gessaruçu ou Guaruçu, que falavam língua semelhante, foram morar naquele aldeamento. Os jesuítas para se comunicarem com os Guaruçu tiveram a sorte de ter um menino Guarumimim ou Maromomi de intérprete, que vivia ali no aldeamento.

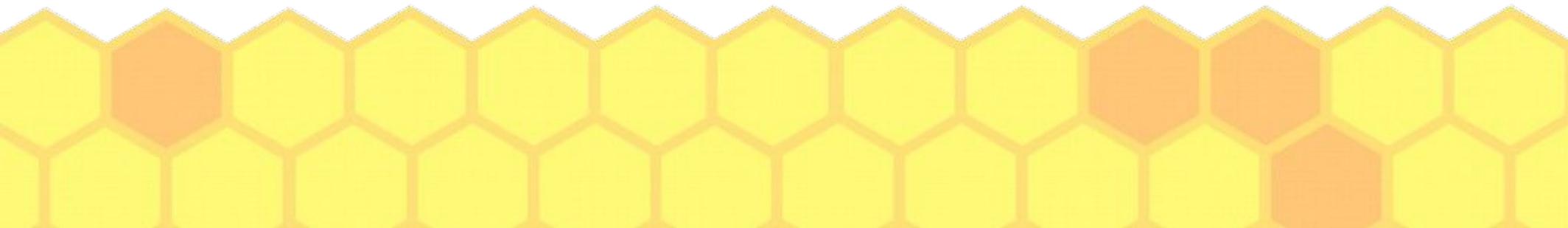
Puri e Coroado em Minas Gerais

- A primeira informação que temos sobre a existência de indígenas Puri e Coroado em Minas se deve ao Pedro Bueno Cacunda, que escreveu um documento em 1734, no qual informa feitos do final do século XVII.
- Neste documento afirma que paulistas souberam da existência de veios de ouro na região do rio Manhuaçu por conta de informação de indígenas administrados, que informaram que os Puri usavam umas “folhetas de ouro” como peso para as linhas de pesca que apanhavam a margem desse rio. Informa também que os Coroado, que moravam próximos ao rio Itapeva e suas vertentes usavam do mesmo artifício. Assim submetendo alguns indígenas dessas etnias eles chegaram aos locais indicados por estes, ainda na última década do século XVII.



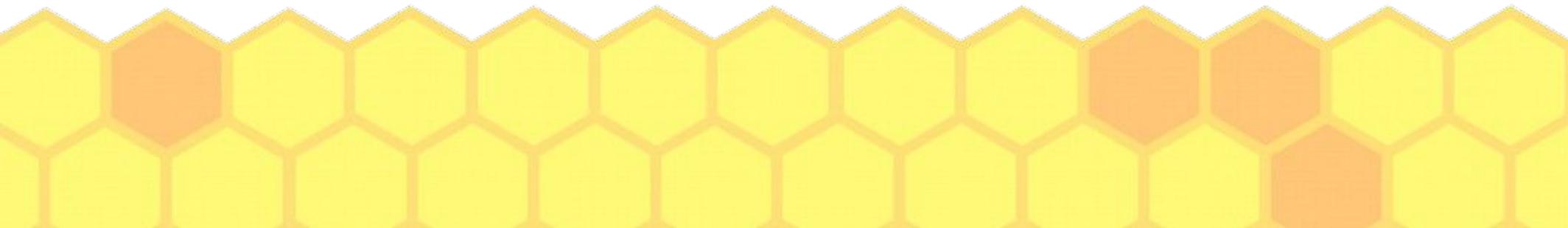
A conquista da região de Campos dos Goitacazes

- Em 1619, o padre Lobato parte em missão para os Campos de Goitacazes, para tentar acordos de paz com indígenas dessa etnia.
- Consegue êxito em sua missão, fazendo com que uma parcela deles ligados aos Goitacá-Jacoritós e Goitacá-Mopi fossem aldeados em São Pedro da Aldeia.
- A partir de 1648 os Goitacá somem da documentação oficial, aparecendo a partir da década de 1650, somente os Guarulho para a mesma região.



Resumindo algumas constatações até aqui:

- Os Puri, os Maromomi e os Goitacá foram povos contemporâneos, eram interlocutores ou inimigos dos invasores europeus, nos séculos XVI e XVII, em regiões diferentes, aonde a arqueologia aponta nos séculos anteriores como tendo sítios arqueológicos ligados a tradição Una.
- Os Maromomi entendiam outras línguas como o Guarucu, provavelmente aparentados deles. Foi feito um vocabulário pelo Padre Manuel Viegas, mas se perdeu, sobrevivendo uma expressão e uma palavra apenas, que aproxima essa da língua Puri. Em relação aos Goitacá não temos nenhuma palavra ou vocabulário conhecido dos séculos XVI ou XVII. Já em relação aos Puri, somente no século XVIII teremos palavras e no XIX vocabulários escritos.
- O etnônimo Guarulho aparece na década de 1620, e aos poucos sobrepuja o etnônimo Maromomi, em São Paulo e Goitacá, em Campos dos Goitacazes.



Próxima aula: desterritorialização e invisibilidade social do Povo Puri

- Obrigado!
- Marcelo Sant'Ana Lemos
- marcelolemos@gmail.com

